

**Plástica: Cirurgia do pescoço rejuvenesce todo o rosto • 3**

# JORNAL DA FAMÍLIA

DOMINGO, 15 DE JUNHO DE 1997

**Saúde: Prevenção e exames regulares evitam doenças da próstata • 4 e 5**

*Educação*

Leonardo Aversa



**M**aria Luiza, de 14 anos, mudou-se de São Paulo para o Rio, na 6<sup>a</sup> série. Quando chegou à nova escola, muito liberal, apesar de ser dirigida por pais, sentiu-se perdida e seu rendimento caiu:

— O que mais me aborrecia era que eu fazia os deveres e as professoras nem olhavam, porque o que valia era a participação e só depois vinha a avaliação. Como fiquei desestimulada, minhas notas começaram a cair e chegou ao meio do ano com medo de repetir. Foi quando comecei a pressionar meus pais para me trocarem de escola. Apesar da crítica dos meus irmãos, que me chamavam de caretá, fui para uma escola mais tradicional, onde a cobrança é maior e, por incrível que possa parecer, não tenho notas ótimas em tudo, mas também não tenho preocupação com repetência — conta Maria Luiza.

#### Escola costuma culpar o aluno

O caso de Maria Luiza não é exceção. As escolas podem ser, muitas vezes, responsáveis pelo fracasso escolar por diversos motivos. No entanto, nem sempre o problema é da escola. O mau aproveitamento do aluno pode espelhar problemas dentro da própria família.

Sem apontar os motivos, o último censo escolar, referente a 1995, realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, constatou que a taxa de reprovação no ensino fundamental no Brasil (Primeiro Grau) atingiu 15,5%, sendo que em Sergipe chegou a 29,9%. Outro problema grave é o alto índice da taxa de distorção série/idade: 68,7% das crianças estão numa série que não corresponde à sua idade.

O Brasil também apresenta um dos maiores índices de repetência da América Latina, superado apenas por três países do continente (Hai-

# O fracasso na escola

**Professores da USP discutem os motivos que levam os alunos ao mau rendimento**

ti, República Dominicana e Guatemala).

Segundo o professor da Universidade de São Paulo Júlio Groppa Aquino, mestre em psicologia escolar e um dos autores do livro "Erro e fracasso na escola" (editora Summus), este tema é um problema de todos e atinge a escola pública e a particular. Ele acrescenta que o erro e o fracasso são os problemas mais graves da escolarização do final do século:

— Ambos são efeitos da escola como foi constituída. O fracasso é um efeito cumulativo do erro. Não existe um sem o outro — diz.

Ele diz que há uma tentativa perniciosa de atribuir o fracasso do aluno à preguiça e à falta

de interesse. Na sua opinião, são alegações morais. Outra explicação para o mau rendimento do aluno é o que psicopedagogos chamam de déficit de atenção. Mas isso deve ser questionado. Nem sempre a escola atinge seus objetivos de ensinar, deparando-se com situações em que alunos não cumprem o mínimo esperado.

— Os professores costumam afirmar que se o aluno aprende é porque a matéria foi bem ensinada. Caso contrário, a criança tem algum problema e, portanto, é um fracassado. O problema é da escola, que costuma usar conceitos supostamente científicos para justificar sua incompetência. Não é uma determinada proposta

pedagógica que conseguirá mudar as práticas educacionais ou corrigir o fracasso e a indisciplina na escola. É preciso ter uma visão ética da educação e não simplesmente excluir o aluno — diz Groppa.

O filósofo e pedagogo José Sérgio Fonseca de Carvalho, professor da Faculdade de Educação da USP, diz que ao se associar erro e fracasso, como se fossem causa e consequência, por vezes não se percebe que enquanto o erro é detectável o fracasso é fruto de uma interpretação desse dado.

Um erro pode ser interpretado de diversas formas. A constatação de um erro não nos indica que não houve aprendizagem. Ao avaliarmos o aprendizado de um aluno por meio de uma prova ou trabalho, tomamos como pressuposto que estes são instrumentos confiáveis para tal fim, o que nem sempre é o caso.

#### Transferência malfeita influencia resultados

Numa pesquisa de avaliação psicológica, realizada há dois anos, com 139 alunos de 22 escolas estaduais, em São Paulo, foi constatado que em mais de 50% dos casos encaminhados existiam versões contraditórias a respeito da criança. Uma professora classificava o aluno como indisciplinado e outra o qualificava como interessado. A psicóloga Adriana Marcondes Machado, do serviço de psicologia escolar do Instituto de Psicologia da USP, comenta que entre 70% a 90% das crianças atendidas em clínicas de psicologia trazem o que se chama de queixa escolar. A falta de estratégia pedagógica e de recursos diversificados para o trabalho com crianças, preconceito, salas lotadas e transferências mal realizadas entre colégios são fatores que levam as escolas a encaminhar o aluno ao psicólogo.

Continua na página 2